

Apelido rejeitado vira símbolo

MANAUS — Na lenda dos rios do Estado do Amazonas, o boto — espécie de golfinho de água doce — tem o poder de encantamento e de se transformar, nas noites de lua cheia, num vigoroso rapaz ao qual nenhuma cabocla resiste. E, nas noites quentes do longo verão — estação que no Amazonas correspondente aos seis meses do ano sem chuva —, o boto acaba produzindo enormes contingentes de grávidas embevecidas nas margens dos rios.

A ligação de Gilberto Mestrinho com a lenda do boto começou quando ele se tornou governador pela primeira vez aos 30 anos, em 1958, e costumava desfilar pelas ruas de Manaus ao volante de um reluzente conversível importado dos Estados Unidos, como sua atual Chevrolet. Fazia sucesso, comentava-se ainda hoje em Manaus, como político e também como namorador.

Amortecida durante a

ausência de Mestrinho da política local, por sua cassação em 1964, a ligação voltou muito forte em 1982 com o livro *A Resistível Ascenção do Boto Tucuxi*, de Márcio Souza. No perfil de um político populista e nas ilustrações do livro, a semelhança de Mestrinho com o personagem. Professor ficou muito clara, embora sempre desmentida pelo autor. Mestrinho, menos cauteloso, até gosta de ser chamado de professor, profissão que ele exerceu antes de entrar na política, ao abrir em Manaus um cursinho para preparar candidatos a concursos públicos. Acusado pelos opositores de fraudar resultados de eleições, Mestrinho passou a ser comparado, em maledicentes conversas de bares, ao boto que engravidou não caboclas embevecidas, mas urnas. Ele sempre rebateu com veemência as acusações, aliás nunca comprovada, jamais deu demonstrações de gostar do apelido, de Boto.

Este ano, porém, em pa-

ciente trabalho de sua assessoria no início do ano mudou radicalmente o comportamento do ex-governador e novamente pretendente ao cargo: ele assumiu o apelido e o transformou em símbolo da campanha. Nos cartazes e outdoors espalhados no Amazonas e na abertura de seu programa de televisão no horário eleitoral gratuito, o boto foi incorporado ao timão de navio, seu símbolo tradicional. Na música da campanha, Mestrinho só providenciou a troca do tucuxi (uma das três variedades do boto) do livro de Mário Souza por "Boto navegador".

Ao contrário de como agia no passado, quando, afirmam em Manaus, chegou a agredir pessoas pela simples mensão do apelido, ele agora afirma que só não gostava "do tom pejorativo" e responde com sorrisos de satisfação ao carinhoso "oi, Boto" com que os eleitores o saudam na chegada aos comícios.